

Circulação discursiva e aceleração: apontamentos ao contexto social de plataformização¹

Cássio Santana²
Claudiane Carvalho³
Giovandro Ferreira⁴

Universidade Federal da Bahia– UFBA

Resumo

Buscando lançar luz à complexificação dos processos de circulação na contemporaneidade, avaliamos como pertinente destacar a aceleração social dos horizontes e estruturas temporais, estudada por Harmut Rosa, como um ponto a ser considerado na dinâmica da produção do sentido. Assim, este texto, de caráter ensaístico, objetiva delinear questões sobre a implicação desse fenômeno para a produção do sentido, observando de que maneira a aceleração sociotemporal esgarça o desnível constitutivo entre instância de produção e instância de reconhecimento. Articulando aportes da análise de discurso sociossemiótica, hermenêutica e estudos sociológicos, ponderamos que as gramáticas de produção e reconhecimento das plataformas de redes sociais impõem desafios à tessitura da intriga prevista no agenciamento da ação no tempo com possível repercussão em diferentes campos da vida social.

Palavra-chave: circulação; aceleração; discurso; mediatização.

A comunicação é marcada por uma indeterminação constitutiva. Os dois polos produtores de sentido, instância de produção e instância de reconhecimento, são incapazes de alcançar um estado de correspondência ótima - fenômeno que só é registrado a partir da interação entre dois dispositivos baseados em sinais mecânicos. Produção e reconhecimento possuem gramáticas próprias, conjunto de regras e instruções específicas que circunstanciam os itinerários de engendramento do sentido. Existe, desse modo, um desnível ontológico ou lacuna existencial entre instância de produção e instância de reconhecimento, de modo que não se pode tratar a comunicação em termos de linearidade mecânica, tampouco em transmissibilidade direta.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCOM-UFBA). E-mail: cassiosantana@gmail.com.

³ Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia e do PósCOM-UFBA. E-mail: claudianecarvalho.29@gmail.com.

⁴ Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia e do PósCOM-UFBA. E-mail: giovandro.ferreira@gmail.com.

Essa lacuna entre instância de produção e instância de reconhecimento é, como apontou Eliseo Verón (1988), parte constitutiva da natureza do funcionamento dos discursos sociais. A noção de circulação está assentada em uma dimensão discursiva (da enunciação), ao introduzir, em contraponto a uma perspectiva mecanicista, vetores de complexidade da ordem do social no processo comunicacional. O pressuposto básico é que não se pode inferir a maneira que um discurso será recebido pela instância de reconhecimento apenas analisando as gramáticas de produção. A gramática de produção “define conjuntos de efeitos possíveis, mas a questão de saber qual concretamente a gramática de reconhecimento que foi aplicada a um texto em um momento dado permanece inexplicável apenas pelas regras da produção” (VERÓN, 1978, p.11).

De acordo com Eliseo Verón (1988), o desnível entre instância de produção e instância de reconhecimento se intensifica e ganha novas nuances à medida que a sociedade se complexifica. A introdução de inovações sociotecnológicas, bem como transformações de ordem sensoriais e cognitivas, dentre outros fatores, dinamizam o processo de circulação, abrindo questões a 1) instância de produção - que passa a ter à disposição novos meios e formas de transmitir e circular mensagens e 2) instância de reconhecimento - que transita por diferentes mídias e plataformas, ganhando uma natureza essencialmente movente. A circulação conjuga as duas instâncias a partir de processos relacionais-interacionais.

Buscando lançar luz à complexificação dos processos de circulação na contemporaneidade, avaliamos como pertinente destacar a *aceleração social dos horizontes e estruturas temporais* (Rosa, 2019) como um ponto a considerar na dinâmica da produção do sentido. Nosso objetivo é delinear questões da implicação deste fenômeno para a produção do sentido, particularmente, de que maneira a aceleração sociotemporal esgarça o desnível constitutivo entre instância de produção e instância de reconhecimento.

Hartmut Rosa (2019) entende que a modernização é acompanhada de transformações nas estruturas e horizontes temporais. Este fenômeno afeta práticas e instituições sociais, bem como a relação do indivíduo consigo mesmo. O ponto de partida é que a percepção temporal está atrelada a itinerários culturais e se modifica à medida que a estrutura social também é transformada. Rosa esforça-se para vincular a evolução histórica à experiência temporal, que se constrói, na modernidade, pela escalada aceleratória.

A sociedade moderna, de acordo com Rosa (2019), pode ser entendida como uma “sociedade da aceleração”, comportando três tipos de aceleração⁵, que optamos por destacar duas delas: a técnica e a intensificação do ritmo de vida. Esses dois modos de aceleração têm consequências nas maneiras pelas quais a ação social é construída, portanto com consequências, também, na ação comunicativa (Couldry e Hepp, 2017), com implicações na percepção espaço-temporal.

Couldry e Hepp (2017) destacam que, quando consideramos o tempo no mundo social, não podemos ignorar o espaço. No entanto, os autores recorrem a Rosa (2019) para argumentar que, em virtude da relação intrínseca com a consciência, o tempo é uma dimensão inerente da ação – e da ação comunicativa, em particular. A comunicação depende de um contínuo desdobramento do tempo para sua promulgação – o mesmo não ocorre com o espaço. Nessa visada, a comunicação mediada tecnologicamente complexifica a coordenação da temporalidade, repercutindo no modo como construímos socialmente a relação com tempo.

Para o filósofo Paul Ricoeur (2010), a narrativa conforma a experiência humana do tempo. “O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição de existência temporal” (Ricoeur, 2010, p.93). Assim, compreender o agenciamento da ação no tempo pela narrativa midiática consiste em um caminho para abarcar, também, a relação com o tempo histórico e o efeito de sentido de aceleração. Nesse viés, o fluxo frenético de circulação de informações, a produção e consumo de conteúdos cada vez mais breves e instantâneos, especialmente em contexto de plataforma social (Van Dijck et al, 2018), provocam a falta de tempo para reagir às comunicações, mas também para interpretar – ou seja, dar sentido narrativo ao que deve ser atualizado (Couldry; Hepp, 2017). Han (2023) apresenta uma perspectiva mais catastrófica e assevera que vivemos uma crise da narração.

As narrativas atualizam acontecimentos e, também, instauram a tessitura da intriga, agenciam o que parecia solto ou fragmentado. “Compor a intriga já é fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou o verossímil do episódico” (Ricoeur, 2010, p.74). Para Han (2023), a comunicação nas

⁵Segundo Rosa (2019), os três tipos de aceleração na sociedade moderna são: a aceleração técnica, a aceleração do ritmo de vida e a aceleração das mudanças sociais. Apesar de distintas, essas modalidades são reiterativas e interdependentes, forjando nossa experiência temporal e social.

plataformas sociais vai na contramão da composição da trama, pois opera na lógica de um registro contínuo e fragmentado, que não estimula o agenciamento, a seleção e os apagamentos. Do ponto de vista das corporações detentoras das plataformas, os dados são mais valiosos que as narrações. As reflexões narrativas são indesejáveis. “O dispositivo das plataformas digitais representa *o registro total da vida*. Seu objetivo é converter a vida em registro de dados” (Han, 2023, p.52). Isso porque, quanto mais dados, melhor o monitoramento.

Se as gramáticas de produção das plataformas de redes sociais não incentivam a tessitura da intriga – o agenciamento da ação no tempo – em prol de uma comunicação do instante, de uma circulação célere e do acúmulo de dados, do ponto de vista da instância de reconhecimento, as gramáticas direcionam para uma atenção fragmentada. Para Han (2023, p.48), a digitalização atrofia o tempo, porque a “realidade se desintegra em informações com uma margem estreita de atualidade. As informações vivem do fascínio da surpresa”. Dessa forma, por meio de recursos como os *stories do Instagram* e as *selfies*, o *Phono sapiens* se rende ao momento e é arrancado da ancoragem temporal estabilizadora (Han, 2023, p. 48-50).

Em seu ensaio, Han (2023) traça a distinção entre informação e comunicação, a qual, do ponto de vista discursivo, nos parece pouco promissora; reflete sobre a fragmentação do tempo e o efeito de sentido de aceleração no autoconhecimento; e assevera que a computação toma o lugar da narração. Em nossa visada, recuamos de uma posição apocalíptica e, também, não nos sentimos integrados. Olhando para as reflexões de Ricoeur, nos três tomos de Tempo e Narrativa, e suas contribuições aos estudos discursivos (Ferreira; Sampaio, 2018), compreendemos que o filósofo contemplou o contexto da Filosofia e da Literatura e a ordenação social não era sua prioridade (Couldry, Hep, 2018), nem as produções midiáticas estavam no escopo da sua obra. No entanto, suas ponderações continuam sendo uma referência para pensar a tessitura da narrativa a partir de novos dispositivos sociotecnológicos; ou seja, como pensar a configuração do mundo vivido em mundo narrado, mediante aspectos simbólicos, inteligíveis e temporais, em novos meios. Couldry e Hepp (2017) lembram-nos que o próprio Ricoeur estava bem ciente da historicidade das estruturas narrativas nas quais operamos, porque não temos ideia do que seria uma cultura na qual ninguém saiba o que significa configurações narrativas.

Nessa perspectiva, falar do fim (ou crise) da narrativa não nos parece o caminho mais cauteloso, porém não podemos nos refutar da necessidade de compreender como a fragmentação temporal em formatos discursivos contemporâneos constitui nossa relação social com o tempo. Para Verón (2013, 2014), uma das dimensões da sequência histórica da midiatização (registro de processos psíquicos em suportes materiais) é a aceleração do tempo histórico. Essa dimensão tem aspectos distintivos quando a circulação discursiva instaura uma produção calcada no instante e uma recepção pautada na atenção fragmentada. Os efeitos de sentido dessa dinâmica ainda nos escapam, mas já temos algumas hipóteses (ou sinais) do que pode ocorrer (ou está acontecendo) em diferentes campos da vida social.

Referências

- COULDRY, N.; HEPP, A. **The mediated construction of reality**. John Wiley & Sons, 2017.
- FERREIRA, G. M. F.; SAMPAIO, C de O. C. Apontamentos para estudo dos discursos sociais a partir das contribuições da hermenêutica. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 15, n. 28, 2018. DOI: 10.55738/alaic.v15i28.470. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/470>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- HAN, B.- C. **A crise da narração**. Trad. Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa. A configuração do tempo na narrativa de ficção**. Tomo 1. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. C. **The platform society: public values in a connected world**. New York: Oxford University Press, 2018.
- VERÓN, E. **La semiosis social: Fragmentos de una teoría de la discursividad**. Gedisa, 1988.
- VERÓN, E. **Sémioses de l'idéologie et du pouvoir**. Communications, n. 8, 1978a. p. 7-20
- VERÓN, Eliseo. **La semiosis social, 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- VERÓN, Eliseo. **Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências**. Matrizes, V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014, São Paulo – Brasil, p. 13-19.